

ENSAIO

AS CHUVAS DA MEMÓRIA E OS AFETOS DIASPÓRICOS: UMA LEITURA DE “MOLHADAS ERAM AS TARDES”, DE NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS, SOB EPISTEMOLOGIAS DE MULHERES NEGRAS

*Júlia Tavares*¹

Resumo: O presente ensaio analisa o conto “*Molhadas eram as tardes*”, de Nágila Oliveira dos Santos, publicado na coletânea *Dias de chuva são assim...* (Editora Revista África e Africanidades), sob a perspectiva das epistemologias de mulheres negras contemporâneas. A narrativa, marcada por lirismo e introspecção, tematiza o amor, a solidão e a memória de uma mulher negra que reflete sobre um relacionamento atravessado por afetos, perdas e autopercepção. Dialogando com teóricas como bell hooks, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Sueli Carneiro e Patrícia Hill Collins, busca-se compreender como a autora constrói uma poética da sensibilidade afro-diaspórica, na qual o corpo feminino negro emerge como território de memória, resistência e reexistência.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; afetividade; epistemologias negras; feminismo negro; Nágila Oliveira dos Santos.

¹ Mestra em Educação e Docente da SEEDUC RJ.

INTRODUÇÃO

No conto *“Molhadas eram as tardes”*, Nágila Oliveira dos Santos apresenta uma narrativa em primeira pessoa que se estrutura em torno da memória afetiva e da experiência da perda. A narradora rememora os dias chuvosos vividos ao lado do companheiro e, ao fazê-lo, revisita não apenas um amor passado, mas também as formas de perceber-se e significar-se como mulher negra em um contexto urbano contemporâneo.

Logo na abertura, a voz narrativa anuncia a centralidade da chuva como metáfora dos afetos e da subjetividade: *“Eu sempre preferi os dias chuvosos ao seu lado, pois sabia que estes seriam inteiramente nossos.”* A escolha dos “dias chuvosos” em contraposição à “chata vida lá fora” constitui o espaço íntimo como abrigo simbólico, contrapondo o mundo exterior — frio, racista e desigual — à intimidade construída entre corpos que se reconhecem e se acolhem.

Essa tensão entre o dentro e o fora, o afeto e o afastamento, articula-se com o que bell hooks (1992) denomina de “política do amor”, um exercício ético de resistência à desumanização que o racismo estrutural impõe aos sujeitos negros. Assim, o amor narrado por Nágila Oliveira é também uma forma de insurgência e autocuidado, ainda que atravessado pela dor da perda.

O CORPO, A CHUVA E A CIDADE: TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS DA MEMÓRIA

A chuva, elemento recorrente ao longo do conto, adquire camadas semânticas múltiplas. É símbolo do desejo, da purificação, da saudade e do esquecimento. Quando a narradora declara: *“Gostava dos sábados que acordava tarde ao seu lado e esperava você acordar, enquanto ouvia do seu quarto o barulho da chuva em descompasso com os ruídos das buzinas dos carros do grande baobá de concreto”*, há uma sobreposição poética entre o urbano e o ancestral, entre o “baobá de concreto” — imagem que alude à cidade e à árvore sagrada africana — e o corpo feminino que recorda.

Nesse ponto, a metáfora do baobá funciona como o que Lélia Gonzalez (1988) chamaria de “africanidade pulsante”: a presença simbólica e cultural africana que resiste, mesmo em meio à modernidade excludente das metrópoles brasileiras. A cidade, marcada pela pressa e pela indiferença, contrasta com a temporalidade do afeto — lenta, sensorial, feita de esperas e cheiros.

O corpo da narradora, molhado pela chuva e pelo desejo, é também o território de sua reexistência, conceito caro à Sueli Carneiro (2003), para quem as mulheres negras produzem suas subjetividades em diálogo com a dor, mas também com o prazer e a potência de existir. Quando ela recorda “os corpos suados que bordavam segredos nos lençóis” e as “juras em crioulo ou em português”, vemos a inscrição da língua e da ancestralidade como parte constitutiva do erotismo negro, descolonizado, que não se submete à normatividade branca, mas se constrói em diálogo com a oralidade africana e a mestiçagem cultural.

AFETOS DIASPÓRICOS E EPISTEMOLOGIAS DO CUIDADO

A presença da música de Cesária Évora e do prato típico cachupa, mencionados no conto, revela um elo com a diáspora africana e seus modos de habitar o mundo. Esses elementos não são simples referências culturais, mas modos de existir e de amar através das heranças africanas. A culinária, a música e o corpo tornam-se formas de expressar o que Patrícia Hill Collins (2000) descreve como uma “epistemologia do cuidado”, em que o conhecimento é construído na relação, na partilha e na afetividade.

Em “*Molhadas eram as tardes*”, o cuidado manifesta-se tanto nas carícias trocadas durante a preparação da comida quanto no gesto de lembrar. Recordar é cuidar daquilo que o tempo tende a dissolver. Nesse sentido, a narradora realiza o que Grada Kilomba (2019) denomina de “ato de falar-se” — um processo de reconstrução identitária em que a mulher negra narra a si mesma, reinscrevendo-se como sujeito de sua história e de seus afetos.

O amor que, ao final, se desfaz sob a chuva — “*você também se foi, numa tarde de chuva... sem olhar para trás, para nunca mais voltar*” — não é apenas o fim de uma relação, mas o colapso de um universo íntimo. Entretanto, o desfecho traz uma imagem poderosa de renascimento simbólico: “*Naquele sábado, pela primeira vez vi pela janela do meu quarto a chuva caindo lá fora, e eu a me afogar em mim.*” Aqui, o “afogar-se em si” torna-se um gesto de autoconhecimento e transbordamento, uma experiência que conjuga dor e revelação — exatamente o que bell hooks (1999) identifica como a pedagogia do amor enquanto processo transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Nágila Oliveira dos Santos revela-se uma escrita profundamente afetiva e política, em que o feminino negro é abordado a partir da interioridade e da sensorialidade. A autora propõe uma poética em que o corpo, a chuva e a memória convergem como símbolos de resistência, evocando a necessidade de narrar as experiências de amor e de dor sob uma perspectiva negra, diaspórica e feminina.

Ao articular intimidade, ancestralidade e reexistência, “*Molhadas eram as tardes*” reafirma o que as epistemologias negras contemporâneas defendem: o direito das mulheres negras de serem sujeitos de conhecimento e de amor. Sua escrita descoloniza o olhar sobre o afeto e reinscreve o erotismo e a vulnerabilidade como dimensões legítimas da existência negra.

A chuva, ao fim, não apaga — mas fecunda. E é nesse terreno fértil, entre lágrimas e memórias, que floresce a literatura de Nágila Oliveira dos Santos: molhada de humanidade, encharcada de resistência.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [1988].
- HOOKS, bell. *All About Love: New Visions*. New York: William Morrow, 1999.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- SANTOS, Nágila Oliveira. *Molhadas eram as tardes*. In: *Dias de chuva são assim...*
- SANTOS, Nágila Oliveira e SILVA, André Luiz dos Santos (orgs.). Rio de Janeiro: Revista África e Africanidades, 2024.